

# Café e Sêda do Brasil em 1876 fizeram propaganda em Filadélfia

O "Correio da Manhã", de 30 de outubro de 1960, publicou interessante reportagem ilustrada subordinada ao título "Café e sêda do Brasil em 1876 fizeram propaganda em Filadélfia". Há quase um século Luiz Ribeiro de Souza Rezende fez propaganda específica do café de nosso país nos Estados Unidos. Hoje, com os modernos processos de torrefação da indústria norte-americana, predominam nesse mercado os chamados "blends" ou misturas de café de várias procedências. Possivelmente, em consequência desse fato, no mercado inaque a propaganda é hoje genérica, isto é, do café em geral, sem consideração de sua origem. Alguns peritos, contudo, são de parecer que não faria mal alguma propaganda específica. Essa idéia, não obstante, é defendida por uma minoria.

Data vênica, passamos a transcrever o interessante trabalho jornalístico do "Correio da Manhã":

"Com apenas três contos de réis pagos em três prestações, como ajuda oficial da Comissão Brasileira, e obrigando-se a servir cafézinho de graça aos comissários e a todos os amigos do Brasil que visitassem os "stands" na Feira Internacional de Filadélfia de 1876, comemorativa do centenário da Independência dos EUA, o cap. Luiz Ribeiro de Souza Rezende, — filho do Marquês de Valença — fez espontânea e desinteressada propaganda do café brasileiro, pela primeira vez feita dessa maneira.

Na sua casa "Café do Brasil", instalada por sugestão do correspondente do *Journal do Comércio* do Rio, em Nova York, "como complemento à exposição desse produto", também eram servidos mate e chá, mas a procura maior era pela rubiácea, preparada em infusão igual à que se fazia em nosso país. Enquanto era apreciado o sabor da bebida, falava-se do Brasil.

Dizem os jornais da época, entre eles o "Novo Mundo", que em consequência os visitantes da Exposição passaram a interessar-se extraordinariamente pelo café, obrigando os proprietários de bares e restaurantes de Filadélfia a incluí-lo nas refeições. A propaganda mencionava "genuíno café do Brasil".

## PREJUÍZO E PROPAGANDA

A instalação do "Café do Brasil" no Fairmont Park, perto do US Building, estava fundada a prejuízo, pelos inúmeros encargos de sua manutenção e serviços gratuitos. Nem com isso se preocupou o oficial brasileiro, que na propaganda era auxiliado por sua mulher, d. Maria Ambrosina da Mota Teixeira de Rezende e os dois filhos, Carlos e Amélia.

— Não importava o prejuízo, se isso valeria excepcional pro-



Capitão Luiz de Rezende

pagando do autêntico cafézinho à brasileira — dizia.

Tal como preconizara o jornalista, "a iniciativa serviu como complemento ao trabalho de 71 expositores de café", do Rio, São Paulo, Bahia, Pernambuco e Ceará, onde predominavam os produtores M. A. Ayrosa, M. da Rocha Leão e Friburgo & Filhos.

Na Feira estavam expostos 1.052 produtos brasileiros. Entre os cafés, o do Brasil era considerado o melhor, seguindo-os o da Venezuela.

Os que visitaram a Exposição, classificaram como propaganda mais espontânea, a nosso país, a frase pronunciada pelo ministro da Agricultura Canadense, quando parou, empolgado, em frente a um "stand":

— Há dois países que estão reservados à sêda do progresso, em 1876, segundo centenário do "Independence Day": Austrália e Brasil.

## DIPLOMA E MEDALHAS

Pela brilhante participação na Centennial Exposition, o nosso país recebeu diplomas de honra com a exposição de café e produtos florestais, sendo agraciado ainda com medalhas e outros títulos honoríficos

cos pela apresentação de outros títulos honoríficos pela apresentação de outros produtos em Filadélfia. Referências elogiosas são feitas a nossos "stands" pelos *Newspapers*, de Nova York, *The Times*, de Philadelphia, e outras publicações de Julho, Agosto e Setembro de 1876.

O cap. Luiz Ribeiro de Souza Rezende também levou peles de animais brasileiros, máquinas, sêda tecida com fios de bichos criados por ele, os primeiros, aliás, criados no Brasil. Jornais e revistas dedicaram páginas à sua valiosa contribuição, publicando desenhos e fotografias dos produtos expostos.

## QUEM ERA

O cap. Luiz Ribeiro de Souza Rezende, filho do Marquês de Valença, nasceu no Rio de Janeiro, em 1827. Na cerimônia da coroação de Pedro II, carregou o cetro e, depois, a corôa do novo Imperador.

Seguiu para a Europa, aos 14 anos, ingressando aos 16 no Joanneum de Hamburgo. Concluiu logo depois o Curso de engenheiro-mecânico, na Universidade de Leipzig, mas teve de regressar ao Rio de Janeiro.

Prosseguindo os estudos, mandou reconstruir, em São Paulo, a Igreja do Rosário, dos homens pretos daquele Estado. Mais tarde, arruinou-se em transações comerciais com máquinas e instrumentos agrícolas, mas em três anos conseguiu equilibrar as finanças, seguindo para Pernambuco. Ali permaneceu durante algum tempo, como engenheiro-ajudante do Conselho Buarque de Macedo.

Voltando ao Rio, fechou contrato com obras mais importantes de engenharia, entre as quais as seções ferro-

viárias da Estrada de Ferro D. Pedro II, mais tarde empreitada a construção de trechos da Estrada União e Indústria.

## VOLUNTARIO DA GUERRA DO PARAGUAI

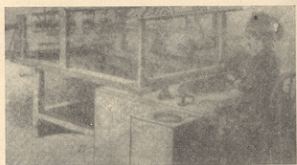
Rebentando a Guerra do Paraguai, foi o primeiro oficial brasileiro a alistar-se como voluntário. No dia 4 de Março de 1864, componente do 1.º Batalhão, seguiu para o Rio Grande do Sul. Participou de uma refrega em São Borja contra 13.000 paraguaios, salvando a população. Por atos de heroísmo, recebeu as comendas da Rosa e de Cristo. Ferido três vezes, foi recolhido ao hospital.

Em Alegrete, construiu em duas horas uma ponte sobre o rio caudaloso por onde passaram o 1.º e o 5.º grupos de voluntários e toda a população da cidade. Novos aplausos e honrarias das autoridades e do povo sulino lhe valeu aquela iniciativa arrojada.

Lutou, depois, em Pontas de Montebatuí e em Uruguaiana, onde adoeceu gravemente. Pedindo reforma no Exército, passou a dedicar-se a transações comerciais e industriais. Comprou um estabelecimento da falida Imperial Companhia Seropédica Fluminense, em Itaguaí, montada com máquinas do último tipo. Em 1874, participou da Exposição Nacional, com um mostruário de sédas, casulos, bichos-de-sêda e das máquinas em funcionamento.

Ainda sobre a personalidade do cap. Luiz Ribeiro de Souza Rezende, sua mulher não se esquecia de acrescentar "o traço marcante de sua extrema bondade, o primeiro de todos os seus títulos".

— Já libertou 8 a 10 escravos, o mais importante de todos os seus atos, mostrando,



D. Maria Ambrosina, fez em Filadélfia demonstrações de tecelagem de sêda.